

Muhammad Yunus e o Microcrédito

Muhammad Yunus

No começo, eu estava fazendo duas acusações básicas contra o sistema bancário. Que o sistema bancário é preconceituoso em relação aos pobres, ele não quer fazer empréstimos para os pobres. E também que ele é preconceituoso em relação às mulheres, ele não quer fazer empréstimos às mulheres.

Posso dar o exemplo de Bangladesh. Se você analisar todos os tomadores de crédito em todos os bancos de Bangladesh e atentar para a distribuição por gênero verá que menos de 1% dos que recebem crédito são mulheres. Por isso queria me assegurar de que quando começasse o meu trabalho metade dos meus clientes seriam mulheres. Foi assim que comecei. Mas essa foi uma decisão abstrata.

Quando começamos a fazer isso na realidade, as próprias mulheres começaram a dizer que não queriam dinheiro e pedir que o dinheiro fosse oferecido aos seus maridos. Elas diziam que era o marido quem controlava o dinheiro, ele que sabia lidar com o dinheiro, elas não sabiam. Fiquei surpreso. Achava que elas iriam aceitar o dinheiro, mas elas estavam rejeitando. Continuei a tentar, mas não era nada fácil. Porque sendo homem não tinha permissão de falar diretamente com a mulher. Ela ficava dentro de casa e eu ficava fora, à sombra de uma árvore. Eu não podia entrar e falar diretamente com ela. Então eu passei a usar estudantes. As instruí e elas podiam entrar na casa e falar com a mulher. E se ela tivesse alguma pergunta as estudantes saíam e me perguntavam. Dessa forma fizemos as nossas negociações.

Finalmente elas nos davam muitas explicações sobre por que não podiam aceitar o dinheiro. Uma explicação muito popular era dizer que a mãe dela, ao morrer, a havia aconselhado a nunca emprestar dinheiro de ninguém.

De imediato não tínhamos resposta a essa objeção. O que dizer numa situação assim? Mas ouvimos isso tantas vezes que criamos uma resposta para ela, uma explicação para ela. Dizíamos que sua mãe tinha sido uma mulher muito inteligente. Ela havia dado o conselho certo, porque quando morreu não existia o Grameen Bank. Só se podia emprestar dinheiro de agiotas. E quem emprestasse dos agiotas iria se arruinar. Mas se a mãe estivesse viva hoje, ela teria aconselhado enfaticamente a procurar o Grameen Bank e emprestar o dinheiro, porque eles não são agiotas, eles são o banco dos pobres e com eles se pode fazer negócios sem medo.

Perguntávamos à mulher o que sua mãe faria se estivesse viva hoje. Ela daria um conselho muito diferente. Assim começamos. Então finalmente ela ousava fazer um empréstimo, na primeira vez geralmente algo como 30 ou 35 dólares. E isso era tanto dinheiro para ela, que quando ela pegava o dinheiro ela começava a tremer, sem acreditar que alguém pudesse confiar a ela tanto dinheiro. Lágrimas corriam de seus olhos pelo sentimento de que alguém realmente confiava nela para lhe dar tanto dinheiro. Ela pensava que se alguém confiava tanto assim nela, ela iria trabalhar muito duro, iria dar sua vida para assegurar que a confiança iria continuar. Ela não iria querer perder a confiança. E isso é o Grameen Bank. Essa relação de confiança.

Não há estrutura legal, não há documentação, não podemos levar aos tribunais e processar a pessoa. Simplesmente confiamos nelas e elas confiam em nós. E assim

fazemos negócios. E não é pouca coisa. Cada um é um pequeno empréstimo, mas quando você soma 2,4 milhões de emprestadores, é um grande negócio.

O Grameen tem 12 mil funcionários. Nesses anos todos já emprestamos mais de 3 bilhões de dólares. Mas esse dinheiro retornou, ele não desapareceu. Não tivemos que ir a lugar algum para resolver problemas que poderiam ter acontecido no sistema. Porque a relação de confiança mútua resolveu nossos problemas. E isso é o Grameen Bank.

Dizemos que o crédito não apenas deveria ser concedido pelas instituições financeiras, mas por princípio o crédito deveria ser considerado um direito humano. Alimento, moradia, saúde e trabalho são aceitos como direitos humanos. Mas ninguém vai dar comida a você só porque esse é um direito humano. O Estado não pode dar cada refeição a você porque esse é um direito humano. Ou dar saúde a você todo dia porque é um direito humano. Para gozar esses direitos humanos - a alimentação, a moradia, a saúde, a educação - você precisa de rendimento para que possa materializar essas coisas. O crédito é a chave para abrir esse fluxo de rendimento.

Por isso eu incluiria na lista de direitos humanos o crédito. Não apenas o incluiria, mas o consideraria como a prioridade número um entre os direitos humanos. Porque é aqui que tudo começa. Com ele você pode traduzir seu próprio talento, sua criatividade para criar sua vida. Só porque a lista diz que alimentação é um direito humano, eu não vou conseguir nenhuma comida a não ser que a conquiste, a menos que eu aprenda como ganhá-la.

Com acesso ao crédito, tendo dinheiro que pode ser traduzido em ação para que eu possa gerar mais dinheiro, então posso adquirir alimentação, moradia etc.

Quando se trata de pobreza, o Estado caminha rapidamente para a caridade. Minha posição é que a caridade não ajuda as pessoas pobres. A caridade subtrai a iniciativa das pessoas pobres. A caridade subtrai a dignidade das pessoas pobres. O que elas precisam é de oportunidade. Oportunidade de ter um local onde elas possam ir e conseguir crédito, informações, apoio de marketing etc. Nada extra para as pessoas pobres. Apenas o mesmo disponível para os ricos também deve estar disponível para os pobres.

Em nossos negócios não estamos pedindo nada especial para as pessoas pobres. Se você faz algo especial para as pessoas pobres, você está prestando um desserviço a elas. Porque então os políticos irão criar mais idéias para dar tratamento especial, como se estivessem fazendo algo bom. Nesse processo você está enganando as pessoas pobres. Ofereça aos pobres todas as condições que você está oferecendo aos ricos e então use essas oportunidades de crescimento.

Quando se aceita que há criatividade na pessoa pobre, há energia na pessoa pobre então se descobre que ela pode usar essa energia para mudar a sua vida, para criar a sua vida. A isso é que os políticos deveriam estar prestando atenção.

A maior parte da estrutura legal, para levantar um outro aspecto, criada para ajudar os pobres, acaba criando uma restrição para os mais pobres. Em muitos países esses são os sistemas de bem-estar social. Esses sistemas criam um enorme número de medidas restritivas para as pessoas pobres. Por exemplo, se você está

no sistema não pode emprestar dinheiro, não pode ganhar dinheiro. Você acaba amarrado de todos os lados, restrito por todos os lados. Você não consegue mais funcionar.

Portanto, é preciso examinar a estrutura legal e incluir mais oportunidades de trabalho, ganhar dinheiro, para que eles possam mudar sua própria vida. Temos que rever a estrutura reguladora, temos que rever a estrutura legal.

Microcrédito

Em julho de 1996, o Banco Mundial publicou um estudo sobre 200 instituições de microcrédito ao redor do mundo, *Sustainable Banking With the Poor: A Worldwide Inventory of Microfinance Institutions*. (World Bank Publication; July 1996). No momento da pesquisa, haviam sido concedidos cerca de 7 bilhões de dólares em empréstimos para mais de 13 milhões de indivíduos e/ou grupos. Só em 1994, 33 milhões de novos empréstimos foram feitos para clientes das instituições pesquisadas. Estas instituições incluem bancos, empresas de poupança e empréstimos, cooperativas de crédito e organizações não governamentais (ONGs).

Muitas ONGs dependem de fundos de doadores para a maioria de seus empréstimos, enquanto os bancos e cooperativas de crédito utilizam-se dos depósitos de seus clientes e empréstimos comerciais para obter seu funding. Entretanto, o crescente número de ONGs caminha rapidamente na direção da auto-suficiência. De qualquer forma, as ONGs oferecem empréstimos menores e relativamente mais serviços sociais que os bancos, empresas de poupança e empréstimos ou cooperativas de crédito. Estes últimos aparecem como líderes em número de clientes com pequenos depósitos.

O foco principal da maioria das instituições de microcrédito é o empréstimo para camadas extremamente pobres das comunidades (53 % dos clientes vivem nas zonas rurais). O outro foco é o empréstimo para mulheres. Muitas ONGs procuram clientes do sexo feminino, baseadas fundamentalmente no fato de que as mulheres têm taxa de pagamento de seus empréstimos muito alta e que costumam gastar grande porcentagem de seus ganhos em itens como alimentação e vestuário das crianças, educação e saúde.

Oito razões que fazem do microcrédito uma ferramenta poderosa contra a pobreza

1. Os empréstimos feitos aos pobres são considerados de baixo risco, especialmente no contexto do aval solidário;
2. Os pobres, como todas as pessoas, são os melhores juizes de sua própria situação e sabem usar melhor o crédito quando disponível, principalmente se são supervisionados e encorajados pelos integrantes do seu grupo de tomadores;
3. Os programas de crédito para os muito pobres, quando administrados corretamente, ensinam e reforçam o comportamento empreendedor e de auto-suficiência, ao invés de criar dependência;
4. A sustentabilidade e lucratividade dos programas de microcrédito no mundo em desenvolvimento é atingível;
5. Programas de microcrédito são fácil e rapidamente copiados;
6. O tomadores de microcrédito demonstram excelente habilidade de construir seus próprios caminhos para deixar a miséria;

7. Programas de microcrédito tornam-se grande veículo para uma considerável quantidade de transformações sociais desejáveis;
8. Os programas podem crescer para atender a um número cada vez maior de pessoas pobres.

O Sistema Grameen

O Sistema Grameen Bank, em Bangladesh, envolve muito mais que a concessão de empréstimos. O processo começa com a visita de funcionários do banco às vilas para inteirar-se da vida de seus habitantes. Cerca de um mês após a chegada do funcionário, é promovida uma reunião para explicar a missão e a organização do Banco. Se os habitantes concordarem com o programa do Grameen Bank passa-se então à procura de potenciais beneficiários.

Para ser aceito, o futuro tomador tem de ser considerado “funcionalmente” sem propriedade ou sem patrimônio. Isto significa não possuir mais do que 1/2 acre de terra cultivável. Sem patrimônio significa que o valor de todas as suas posses não pode exceder o valor de um acre de terra de média qualidade, ao preço do mercado local.

Quando o tomador ou tomadora decide aderir ao sistema Grameen, ele (ou ela) precisa formar um grupo com outros quatro tomadores. O banco exige que cada um conheça as regras e a operação do sistema e concorde em apoiar membros de outros grupos. Um funcionário do banco então treina, durante uma semana, os tomadores na filosofia do Grameen e no processo de empréstimo., tudo isto seguido por um funcionário mais graduado que examina oralmente os candidatos a participantes. Uma vez aprovado o grupo, os empréstimos são desembolsados para dois ou mais membros dentro do prazo de 7 dias. O empréstimo inicial é, normalmente, menor que US\$ 50.

No momento em que os tomadores aderem ao sistema, eles também aprendem as 16 Decisões, que muitas vezes são descritas como a Constituição de Desenvolvimento Social do Grameen. O banco insiste para que todos aprendam e encorajem os outros a agir de acordo com as 16 Decisões pois só assim, acreditam eles, poderão eliminar de suas vidas os hábitos de pobreza. Para aumentar a saúde dos mutuários, o Grameen Bank promove atividades que levam a um maior bem estar físico, mental e emocional. É por meio das 16 decisões que o banco incentiva seus clientes a terem pequenas famílias, educar seus filhos, cuidar da saúde e ajudarem uns aos outros no esforço para obter uma vida livre da pobreza.

As 16 Decisões

1. Os quatro princípios do Grameen Bank - disciplina, unidade, coragem e trabalho duro - serão adotados e estimulados em todos os passos de nossas vidas;
2. Traremos prosperidade para nossas famílias;
3. Não viveremos em casas dilapidadas. Faremos os reparos necessários e trabalharemos buscando a construção de novas casas no menor prazo possível;
4. Cultivaremos vegetais durante todo o ano. Nós nos alimentaremos deles e venderemos o excedente;
5. Na época do plantio, plantaremos o máximo possível de mudas;
6. Teremos pequenas famílias, reduziremos nossos gastos e cuidaremos da nossa saúde;

7. Educaremos nossas crianças e trabalharemos para ganhar o suficiente para pagar por seus estudos;
 8. Manteremos sempre nossos filhos e o ambiente limpos;
 9. Construiremos e usaremos latrinas;
 10. Beberemos água de poços tubulares. Se não for possível, ferveremos e filtraremos a água;
 11. Não receberemos nenhum dote no casamento de nossos filhos e nem daremos qualquer dote no casamento de nossas filhas. Manteremos nossa comunidade livre da maldição do dote. Não promoveremos casamentos de crianças.
 12. Não infligiremos nenhuma injustiça a quem quer que seja nem permitiremos que alguém o faça.
 13. Nos responsabilizaremos coletivamente por grandes investimentos para auferir maiores rendimentos;
 14. Estaremos sempre prontos para ajudar os outros. Se alguém estiver em dificuldade, deveremos ajudá-lo (a);
 15. Se soubermos que a disciplina foi quebrada em um núcleo ou grupo, todos iremos até lá e ajudaremos a restaurá-la;
 16. Introduziremos exercícios físicos em nossos núcleos e tomaremos parte em atividades sociais coletivamente.
- As 16 decisões foram criadas num encontro nacional acontecido em 1984 que contou com a participação de lideranças selecionadas entre os membros do Grameen Bank. Desde então tornou-se a tábua de mandamentos dos mutuários que a utilizam para implementar suas decisões diárias.